

APRESENTAÇÃO

por Viviane Nogueira



Um búfalo na areia é um olhar sobre a vida humana, composto por nove contos com narradores em primeira e terceira pessoa que, em sua maioria, atravessam o tempo como fazem as crianças – as quais, mesmo quando vertidas em adultos, parecem experimentar afetos que, nos perdoe o senso comum, já nos são apresentados na infância. Há aqui a perda, o luto, a violência, mas também a brincadeira e as alegrias, que furam as folhas de hortelã que, felizmente, se curam.

No primeiro conto, “Lituânia”, Paloma nos mostra os búfalos da Ilha de Marajó se comunicando em silêncio enquanto as crianças, em suas brincadeiras, misturam o fim do mundo ao futuro, espumas, putas. “Lituânia” é uma narrativa que abre espaço para a partida, a procura por novos e sonhados horizontes, e nos revela as violências e a subjugação da mulher encontradas no meio desse percurso, mas também o cuidado.

Já em “A vizinha” podemos escutar as palavrinhas de Rosa escapando pelas linhas. A infância aqui é lugar da sabedoria e dos mistérios da sobrevivência no dia a dia, e o luto perde a batalha para a pequena general do “povo dos pequenos”, que espalha pela cama as cartas do futuro e se põe a rir.

Em “Coelhona” conhecemos Tila e seus dois irmãos, Rita e Luizinho. Entra em cena a pobreza enroscada na brincadeira, os giros em torno das ruas de terra montadas na barulhenta bicicleta vermelha enferrujada nas pontas. Há, novamente, o luto, e agora também a desigualdade social, elaborada com a delicadeza que só o olhar das crianças pode ter. O que Tila quer é pôr e tirar o dedo da boca da coelhona para ver se ela consegue pegar, como quem testa a beleza e a violência num ato só.

Em “Palhaços”, o conto mais curto do livro, nos deparamos com uma narradora que relembra um momento da infância, o retrato que ela fizera aos seis anos de um palhaço que animava uma festa. O retrato delicado, alvo das pequenas maldades das

crianças, serve de espelho ao palhaço, que encontra no olhar infantil a sinceridade do cansaço. O palhaço se olha nos olhos ao mesmo tempo que olha nos olhos da criança que o desenhou.

“Conselho de classe” nos traz Adriano, garoto de “olhos de susto” que, como descreve a professora narradora, “caminha em um plano dois centímetros abaixo da realidade”. Essa é outra história sobre luto, sobre o reconhecimento da perda, do olhar diante dela e a partir dela. A professora, em sua insistência por encarar a ausência ao lado de Adriano, parece se irmanar a ele sem perdê-lo de vista. É como dizer ao búfalo na areia que intitula o livro: “Ainda posso vê-lo, ainda posso vê-lo”.

“Tiê” é sobre a descoberta dos afetos na infância, do amor, da maldade e, mais uma vez, da perda do amor-amizade. Mostra que os afetos que imaginamos viver apenas na vida adulta já são vivenciados em nossa pequenez. O “medo de dizer não e perder”, a sexualidade, a empolgação com as descobertas da leitura e do amor. “Eu posso desaprender a ler? Eu não aguento mais. [...] Mãe, eu vou explodir. (Mãe, eu vou morrer de amor.)” “Tiê” expõe a violência que os vínculos podem perpetuar, mas também as possibilidades de novos caminhos.

Em “Febre euclidiana”, que se passa durante a pandemia de covid-19, Paloma explora com mais profundidade o desejo e a sexualidade, bem como a repressão à sua manifestação. É na infância, mais uma vez, que está a raiz do bem e do mal de Pedro. No conto, que é o que mais se afasta do realismo ao qual nos acostumamos ao longo do livro, o embate se dá entre as expectativas da maternidade e uma espécie de monstruosidade humana: o próprio corpo.

“Verdade ou desafio” nos confronta com um novo desafio. O texto mostra, sob outras vestes, a subjugação da mulher trazida no conto de abertura. Aqui, a menina-mulher Regina sofre não só a violência por ser mulher, mas por sua classe social

e pela cor da pele. Regina é, no entanto, a voz mais firme e corajosa que escutamos no livro. Em sua infância adolescente, afirma diante da violência – que, como toda aquela direcionada à mulher preta, quer matar: “Se alguém tocar em mim, eu mato!”.

“O sonho do jacaré”, último texto do livro, nos leva a uma ilha paraense. Nele, a racialidade tem lugar de destaque. Em uma ilha prestes a ser alagada pela construção de uma hidrelétrica, Bruno, um garoto indígena, se mistura com o primo da narradora assassinado pela polícia de Belém. A violência estatal que o atinge é outra, mas o menino isolado do céu, que “era bicho e era humano”, e de sua floresta redonda, parece morrer um pouco. No entanto, é ele que, em sua sabedoria infante, nos ensina que os sonhos que sonhamos não são sempre nossos, de maneira que a violência com que sonhamos é também o sonho do algoz, porém que os sonhos de alegria redonda são ainda compartilhados.

Um búfalo na areia começa e termina no Pará, mas os contos que se encontram nesse caminho poderiam se passar em qualquer cidade do Brasil, como, por exemplo, São Paulo, de onde escrevo esta apresentação. Leio os contos de Paloma e eles continuam me olhando. Eu também fico de olho neles. É como se diz em “A vizinha”: falar das facetas da experiência humana é como falar “numa língua anterior a nós mesmas”. O búfalo, que aqui vejo à distância, me olha nos olhos e diz suas coisas santas, as quais Paloma parece ter escutado bem; aqui a morte realmente não mata.

VIVIANE NOGUEIRA é poeta, psicóloga pela Universidade de São Paulo e mestre em teoria literária pela mesma universidade. É autora do livro *Uma casa se amarra pelo teto* (Macondo, 2019) e das plaquetes *Grumixamas e jaboticabas* (Círculo de Poemas, 2022) e *requiem* (Primata, 2023). Compõe a Gira, coletiva de estudo-intervenção antirracista e anticolonial.